

VATICANO II – UMA IGREJA VOLTADA PARA O MUNDO

Podia escrever o título deste tema de uma outra forma, muito mais clara e esclarecedora: por exemplo, **uma Igreja voltada para a nossa condição humana.**

Costumamos dizer que uma imagem vale por mil palavras. Um sinal exterior, uma pequenina reforma, mas de grande sentido de uma Igreja que se quer voltada para o mundo, foi a inovação do altar **versus populi**, que veio com o Concílio do **Vaticano II**. Era um pequeno sinal de uma Igreja que se dispunha a ficar cara-a-cara com a condição humana.

Há imagens negativas que também valem por mil palavras. Atente-se nestes dois acontecimentos que nos dão duas imagens bem diferentes da postura da Igreja face à condição humana:

1 - A Igreja portuguesa enterrou oitenta milhões de euros num templo frente a outro templo (refiro-me à Basílica da SS Trindade em Fátima) num país onde os pobres, os doentes, os desamparados na solidão e na velhice continuam a ser uma dolorosa realidade da condição humana, dando um **sinal que vale por mil palavras, de uma Igreja voltada para si mesma. Repito, voltada para si mesma.** É uma Igreja que está, sem dúvida, a alimentar e a fomentar a religiosidade dos homens, como qualquer religião faz, do induísmo ao islamismo. Mas a Igreja católica, que anuncia o **evangelho da ressurreição da condição humana**, e prega que, desde a Encarnação de Deus, cada ser humano se tornou **templo de Deus vivo**, ao dar mais importância aos templos de pedra do que ao templo de Deus em cada pessoa, está a deixar escondida debaixo do alqueire a “luz do mundo” que o Evangelho lhe confiou: a luz brilhante e orientadora da sua mensagem de amor.

2 – Há pouco mais de dois meses, o Papa Francisco juntou no Vaticano os presidentes da Autoridade Palestiniana e de Israel, para que os três rezassem juntos pela paz, que não chega nunca aquela parte do mundo. **Eis um sinal que vale por mil palavras de uma Igreja preocupada com a condição humana.** Todos sabemos que pouco adiantou esse gesto de amor do Papa Francisco. Passadas poucas semanas, o pior da nossa humana condição veio ao de cima e a terra voltou a ficar encharcada de sangue. Não tenho dúvidas que, no Vaticano, aqueles três chefes de Estado, porque o são, cada um rezou a um Deus diferente. Mas o gesto do Papa foi anúncio indesmentível do Evangelho para a ressurreição da nossa destroçada condição humana. O Papa Francisco rezou ao Deus-Amor. Os outros devem ter rezado ao Deus que inspira a construção de basílicas sumptuosas.

I – A Condição Humana

No Concílio Vaticano II, a Igreja Católica mostrou-se decidida a olhar para a condição dos homens neste nosso mundo. Corajosamente, deixou que a realidade nua e crua a interpelasse, ficando frente-a-frente com a humanidade mergulhada num mar de esperanças desfeitas. Consciente da angústia continuada dos homens, considerou que era urgente, aqui e agora, trazer de novo aos homens a Alegria e a Esperança (*Gaudium et Spes*). O Concílio visava, em primeiríssimo lugar, dar uma boa notícia à humanidade de hoje.

E deu. E anunciou-a bem alto por toda a parte, valendo-se das novas tecnologias de informação. Fizeram-se congressos, debates e vigílias. E estudos, muitos estudos. Muitos homens e mulheres, empenhadamente, procuraram uma saída para a humanidade sofredora. A chamada “doutrina social da Igreja”, acarinhada neste Concílio, terá influenciado comunidades inteiras de nações, que puseram na lei um Estado Social, visando a solidariedade entre os cidadãos. Sem violentar ninguém, fazia-se justiça através dos impostos e contribuições, em que os mais talentosos e mais bem-sucedidos na vida partilhavam, de certo modo, a sua farta mesa com os menos bafejados pela sorte. A Igreja do Vaticano II, incentivando a criação de sociedades solidárias nas leis e nas práticas, renovou a esperança do Evangelho Cristão para todos, sobretudo para os mais desgraçados dos homens.

Hoje podemos constatar que o movimento da solidariedade humana entre os cidadãos, transposto para a lei de algumas nações, foi sol de pouca dura. Com efeito, desde os inícios dos anos oitenta do século passado, o caminho para a solidariedade entre cidadãos, que poderia vir a transformar-se em solidariedade entre as nações da Terra, começou a ser minado e está hoje em farrapos, nos países onde já foi bandeira.

Muito estranhamente, as esperanças do Vaticano II foram-se esfumando até quase a extinção, até se fazer ouvir o grito angustiado do Papa Francisco contra uma economia que mata.

É um facto: passados já 50 anos sobre as esperanças evangélicas renovadas no Vaticano II, o panorama geral da nossa condição humana continua, como sempre, desolador: as mesmas **injustiças, vaidades, cobiças, orgulhos e guerras; a doença, o sofrimento e a morte; tempestades, dilúvios, secas, fomes, pragas e pestes**. Continuamos a nascer mergulhados em tudo isto. É um acervo terrível, que passa de geração para geração, como doença genética, e que na bíblia aparece sob a designação genérica de “**pecado do mundo**”.

Haverá solução para os males da nossa condição humana? Como transformar tamanha desgraça em felicidade?

É uma tarefa que sempre pareceu impossível ao homem levar por diante e que só estaria ao alcance de um poder infinito. De facto, mesmo que fizéssemos as leis mais justas e

acabassem as maldades dos homens, como vencer dilúvios, tremores de terra, pestes, perigos de todos os lados, secas, fomes, doenças e a morte certa?

Vamos desistir? Os nossos antepassados nunca se deixaram cair no desespero. Pelo contrário, sempre acalentaram a esperança de ver transformada em paraíso, a infelicidade da nossa condição. De uma esperança frustrada nascia outra esperança. O AT e NT são dois testemunhos de fé na salvação da Humanidade, de uma redenção que viria dos Céus.

II – O Evangelho de Jesus Cristo

Escrevia, em Maio deste ano, o frei Bento Domingues: “De tudo o que conheço das expressões do fenómeno religioso é (com cristianismo) a única vez na qual a divindade se identifica com as suas criaturas”.

Para as primeiras comunidades cristãs não podia ter sido mais radical a esperada intervenção divina na história humana para erradicar todos os males: Jesus Cristo, o próprio Filho de Deus, assumiu a nossa própria condição, para a transformar em condição divina, herdeira de todos os “dons de Deus”.

O que terá, então, corrido mal para que, passados dois mil anos, a nossa condição humana continue tão atribulada como sempre?

Houve, desde sempre, a tendência para embelezar a vida de Jesus na história, mas a verdade professada no Credo católico é que Jesus foi um homem em tudo igual a nós, sujeito a tudo o que pode acontecer a um homem, sem privilégios de espécie alguma. A sua vida e morte foram iguais à desgraça de biliões de seres humanos: trabalhos, perseguições, injustiças, tortura e morte. Ou seja, sofreu o pior da condição humana, excepto a maldade, segundo o testemunho dos evangelistas, que o descrevem como o “justo dos justos”.

Há quem se assuste com o quadro terrível da condição humana de Jesus de Nazaré, afinal, o Cristo de Deus para a Humanidade. Não foi o caso de S. Paulo, que definiu a condição humana de Jesus de uma forma avassaladora: **“Deus o fez pecado”**. Com isto querendo dizer que Jesus Cristo, enquanto Jesus de Nazaré, bebeu o cálice da condição humana até à última gota, como atestam por escrito e de forma impressionante os evangelistas.

Tendo presente o testemunho de S. Paulo e dos evangelistas acerca da condição humana de Jesus, podemos concluir e devemos concluir que a intervenção extraordinária de Deus na história pessoal do homem Jesus de Nazaré só ocorre depois da sua morte, quando, como escreve S. Paulo, Deus Pai o ressuscitou dentre os mortos. **Até esse momento, a sua sorte foi a sorte normal da condição humana.**

Isto significa que os cristãos, à semelhança de Jesus Cristo, só conhecerão o seu novo estatuto glorioso, isto é, livre das doenças, sofrimentos, maldade e morte, depois de ressuscitados! E isso aconteceria com a “segunda vinda”, a “parusia” de Jesus Ressuscitado.

Por isso rezavam insistentemente e confiadamente pela chegada desse dia: “vinde, Senhor Jesus”.

Mas Jesus não veio. Decorreram dois mil anos sobre a ressurreição de Jesus, mas para a humanidade ainda não aconteceu a ressurreição anunciada e esperada.

Que terá acontecido?

As promessas contidas e anunciadas no Evangelho Cristão são fascinantes e os primeiros a ouvi-las ficaram maravilhados. Porém, a história não é feita de anúncios, nem que seja o anúncio mais espantoso de todos os que até ali se ouviram. Bem sabemos que a História é a vida um dia depois do outro, numa longa e lenta caminhada. E a aflição dos homens foi sempre grande demais e urgente demais. E quanto a isso, nada mudou até hoje.

Neste contexto, o tempo de espera transforma-se em tempo de frustração e descrença, até que se construa uma nova esperança de salvação. Foi isso que aconteceu ao grupo dos discípulos de Jesus e às comunidades que se formaram à volta do **Evangelho-promessa-de-ressurreição**, como veremos já de seguida.

III - Recuando Dois Mil Anos

Os apóstolos e, mais tarde, as comunidades cristãs que entretanto se haviam formado e esperavam a ressurreição, sofreram dois fortíssimos abalos: o **primeiro** deu-se entre os discípulos que acompanharam Jesus mais de perto e esperavam a instauração de um Reino de Deus muito identificado com o Reino de Israel; o **segundo**, entre as comunidades cristãs estabelecidas, que não viram chegar a “Parusia do Senhor”, o Fim do Mundo, o Dia do Juízo Final e a Ressurreição Universal, anunciados **como estando iminentes**.

A propósito destas esperanças frustradas escreve o Pe Carreira das Neves na sua última obra publicada, **Condição Humana Sem Pecado Original**:

“ A liturgia da Igreja na Noite de Natal fala do tempo messiânico, que só pode ser um tempo de paz e de bem, sem mal, doença, guerra e morte. Mas este sonho não aconteceu de maneira efectiva na história com a vinda de Jesus de Nazaré. **Tudo continuou mais ou menos como dantes: guerras, homicídios, genocídios, dilúvios, tremores de terra**. E foi desta feita que as comunidades cristãs primitivas começaram a tremer, como testemunha a 2 carta Pedro, 3, 3-4)”.

Do primeiro choque.

Jesus de Nazaré acabou por não ser o messias que os apóstolos de Jesus estavam à espera, o cristo das esperanças messiânicas dos judeus e para os judeus. As esperanças messiânicas dos judeus, que inicialmente eram as dos apóstolos, confundiam-se com um Reino de Deus aqui na terra, centrado no povo eleito de Israel. João Baptista, o grande pregador deste Reino de Deus foi barbaramente assassinado e a Jesus de Nazaré, acreditado como o próprio messias, aconteceu ainda pior. Como sabemos pelos evangelhos e os Actos dos Apóstolos, os discípulos dispersaram e foram à sua vida, profundamente desiludidos. Afinal, continuava tudo como dantes: ocupação romana, opressão, fome, doença, injustiça, miséria e angústia. Mais as tempestades, os terramotos, as pestes e as pragas.

Do Segundo choque

Quando tudo parecia irremediavelmente perdido, eis que surge um Novo Evangelho, anunciando um novo Reino de Deus totalmente inesperado: Cristo Ressuscitado, o primogénito de uma Nova Criação e de uma Nova Humanidade. Um Novo Adão. Com a fé na Ressurreição de Jesus Cristo nada será como dantes. Tudo vai ser recriado. Tudo mesmo: o mundo e a humanidade, os céus e a terra. E este acontecimento de dimensões apocalípticas terá lugar na história, a muito curto prazo, porque o velho mundo com a sua velha história havia chegado ao fim do seu tempo de validade.

Era um anúncio tão apelativo quanto incrível e absurdo, que os filósofos gregos escarneceram de S. Paulo, quando este lhes foi anunciar o **Evangelho da Ressurreição**, em Atenas.

Os anos foram rolando e parecia que os gregos tinham razão porque, mais uma vez, a realidade histórica teimou em não ajustar-se à Boa Nova. Com efeito, tudo continuou como dantes: guerras, homicídios, genocídios, doença, injustiças e morte. Ainda não passavam 50 anos sobre o anúncio do Evangelho da Ressurreição universal e já as comunidades cristãs manifestavam abertamente a sua frustração, como vimos naquela citação da 2 carta de Pedro. Tanta promessa, e tudo continuava como desde o princípio do mundo!

IV - Depois da frustração, a Nova Esperança.

(Nota; a minha geração e as anteriores foram catequizadas de uma forma que escondeu sempre aquelas primitivas frustrações. E foi pena, porque elas podem constituir um precioso ensinamento para os nossos tempos, que se querem de diálogo com os outros cristãos e com a realidade do mundo actual).

Será que o cristianismo sacudido logo à nascença por estes dois fortes abalos se conformou com a “**situação sem remédio**” deste mundo?

A resposta é sim e não.

- a) **Sim**, porque o Evangelho permaneceu o mesmo; nada da sua mensagem foi repudiado, apesar da não concretização das promessas.
- b) **Não**, porque se alterou completamente a interpretação da mensagem do Evangelho Cristão. Entraram em acção os filósofos e os teólogos cristãos, que lançaram mão da filosofia grega, aquela mesma que ridicularizou, no Areópago de Atenas, S. Paulo e o seu **Evangelho da Ressurreição**. Ajustaram o Evangelho da Ressurreição à filosofia do homem-alma-imortal, pensada e proposta pelos grandes filósofos gregos. Deste modo, as graças e desgraças do corpo nada têm a ver com as graças e desgraças da alma. A própria morte desaparece do horizonte do homem, agora que a essência do homem é a alma imortal. Assim, morre o corpo, mas permanece viva a alma e **a ressurreição já não faz falta nenhuma**.

Com esta filosofia, a teologia cristã permite que o racionalismo se substitua à fé e à esperança, e, de caminho, desfaça o mistério da vida e da morte. De facto, já não há mais mistérios: a morte é a migração para outro mundo; está tudo explicado; lógica é lógica e o homem é uma ideia imortal como são todas as ideias.

(Pois, mas como dizia a minha avó, de lá não vêm cartas!)

A transposição deste conceito de homem para o cristianismo vai ter consequências devastadoras. Vai fazer com que o cristianismo volte as costas “**às coisas deste mundo**” e daí em diante viver-se-á com os olhos fixos no além e todas as esperanças de felicidade são transferidas para um mundo-paraíso “das almas”(ou da das ideias, como ensinou Platão; não S. Paulo).

Cuidar-se-á dos bens da alma e para a alma, o que está certíssimo, mas vai-se desvalorizar até ao desprezo, as coisas do corpo, por serem “**coisas deste mundo**”.

Logo que esta infeliz filosofia fez caminho e se firmou no cristianismo, este tornou-se profundamente pessimista e, em consequência, assistiu-se ao nascimento do monaquismo, um movimento de “**fuga do mundo**” que dura até aos nossos dias, embora, como se sabe, os grandes espaços dos conventos estejam cada vez mais desertos de vocações, ou seja, de homens e mulheres que **fogem do seu corpo e do seu mundo**, cuidando apenas de salvar a sua alma. Confessando-o ou não, acreditam que o nosso corpo vale zero. Ou menos que isso, porque só atrapalha.

Esta descrença no corpo, que é descrença na materialidade da condição humana, foi música dos anjos para os ouvidos de toda a espécie de opressores e canto de sereia para tantos homens e mulheres de boa vontade. Até Francisco de Assis se lembrou de

rebolar-se sobre os espinhos do roseiral do convento para acalmar **a besta do seu corpo**.

A cegueira foi tanta, que mais parecia que ao falar-se do corpo e das coisas materiais se falava do diabo e da obra do diabo. Tamanho foi o **zelo espiritual**, que o resultado final foi, nem mais, a profanação da obra do Criador.

Assim se inventou e se impôs um “mundo profano”. Chão sagrado só mesmo o das igrejas, conventos e cemitérios!

Como ficou distante o evangelho de Paulo de Tarso: “o vosso corpo é templo do Espírito Santo”; “vós sois o templo de Deus vivo”.

E há mais. A partir do momento em que se abandonou a filosofia da materialidade do homem como essência da sua condição, é o mundo e a sua história que deixam de fazer sentido. De caminho, também perde todo o sentido a “ressurreição dos mortos”, professada no Credo católico. De facto, se a pessoa é tão-somente alma imortal, como vai ressuscitar alguém que nunca morreu?

V - A ressurreição dos espiritualistas

Claro que a teologia cristã não podia deixar de lado um ensinamento tão central do seu Evangelho como é a fé na Ressurreição. Por isso cuidou de arranjar uma saída airosa, engenhosa e apelativa. O resultado foi conduzir o cristianismo a um oceano de equívocos. O padre transformou-se num pastor de almas e, claro, as almas não precisam de comer, vestir e calçar. Aliás, quanto menos comer, mais depressa o homem chega ao paraíso, livrando-se de vez, do peso bruto e inútil do corpo. Mortifique-se a besta!

A solução engenhosa dos teólogos cristãos consistiu em dar um sentido estritamente espiritual ao Evangelho da esperança da ressurreição, como se fôssemos um mundo de espíritos a viver, desterrados, no meio da materialidade sem préstimo e sem sentido. Só faltou escrever e pregar que o mundo das estrelas, dos oceanos e das montanhas foi criado para azucrinar as almas e que o Criador foi algo desastrado.

Para os teólogos das almas, a ressurreição não é mais que a simples transição da vida do pecado para a vida da graça, da maldade para a bondade. Ou seja, a ressurreição não é mais que uma transformação espiritual da pessoa, e a pessoa, quando morre o corpo, subsiste para sempre sem qualquer ligação, explícita ou implícita, tanto à Terra como ao imenso e inútil universo das estrelas.

O que mais me choca nesta teologia é a pretensão de desligar **a alma humana do todo que é o universo**. Ora, se o universo não existe sem Deus ou fora de Deus, como esta teologia postula, é de Deus que estes teólogos pretendem desligar o homem!

Uma vez assumida a filosofia grega da imortalidade da alma, os cristãos dispuseram-se a abandonar o corpo à sua sorte, como se apenas o corpo fosse corruptível e irrecuperável. Não é verdade. A maldade corrompe o espírito do homem até à monstruosidade! A alma é tão corruptível quanto o corpo! Cada um a seu modo, claro.

Algumas perguntas:

- Sem a realidade da materialidade humana (o corpo), que sobra da fé e da esperança da ressurreição professada no CREDO católico?
- Como pode a Igreja voltar-se para o Mundo se não recuperar o “corpo de morte” para o ver transformado em “corpo de vida”?
- Que sentido faz preocupar-se a Igreja com a erradicação da doença, da fome e de toda a espécie de sofrimento, se a finalidade última não é ressuscitar o corpo de morte do homem, mas apenas o espírito doente do homem?
- Por parecer um absurdo acreditar na erradicação da dor, da doença e da morte do corpo, abandona-se a esperança na sua ressurreição? Teriam razão os gregos do Areópago de Atenas, quando se riram da ressurreição de S. Paulo e o mandaram ir pregar esse absurdo para outra freguesia?
- Se a morte biológica representa, de facto, a libertação do espírito e sua redenção final, que sentido faz lutar contra os males que afligem o corpo, prolongando-lhe uma existência inútil e que só estorva?

Nota: não estou a sugerir a ressurreição dos “restos mortais” feitos em pó ou tornados alimento de bactérias. Não será esta “carne e este sangue” que vão herdar o “reino dos céus”, como escreveu S. Paulo. Só pretendo sugerir que não se desligue o homem, enquanto realidade material e espiritual, do seu universo. Se as estrelas nos deram esta vida, também a saberão preservar. Não me perguntem como, que não faço a mínima ideia. Só sei que a aventura humana continua. E continua esperçada.

Que bom!

Conclusão

O Evangelho da Ressurreição anuncia o triunfo absoluto sobre a doença, a dor, a morte e toda a espécie de crime, dentro deste exacto mundo, não fugindo dele, mas transformando-o. Abandonar esta fé e esta esperança, inventando um mundo de espíritos desencarnados, é pretender encontrar uma resposta tão óbvia quanto curta, grosseira, e, sobretudo, ignorante, para o mistério da vida e do universo.

Mistério é mistério mesmo.

Se aí alguém afirmar que já desvendou o mistério da vida e o compreendeu, é porque ainda nem sequer percebeu que há mistério.

Apesar de a tarefa para vencer a morte e o mal continuar a parecer uma tarefa só ao alcance de um poder infinito, vamo-nos convencendo cada vez mais que é mesmo uma tarefa nossa e ninguém a realizará sem nós ou em nosso lugar.

Ninguém, a não ser nós, evitará que nos caia um raio em cima da cabeça.

Ninguém nos salvará se não dissermos sim ao **Mistério da Vida e do Universo**, aproveitando a inteligência, a sensibilidade, a racionalidade e a consciência única que somos.

A esperança dos nossos antepassados pode e deve continuar a ser a nossa: o fim das guerras, dos genocídios, dos homicídios, da doença, das injustiças e da morte.

Reze-se ao “ cordeiro de Deus que tire o pecado do mundo”, mas que isso não signifique pretender dispensar a realidade da condição humana. De outro modo, **para que é que teria sido criada a nossa condição humana?**

Mário Neiva

Braga, 13 09 2014